

Revisão

A LINGUAGEM VEROSSÍMIL DE RESSIGNIFICAÇÃO EM SUJEITOS FICCIONAIS NO “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”, DE JOSÉ SARAMAGO

The verossy language of ressignification in fictional subjects in “ensaio sobre a cegueira” by José
saramago

José Elias Pinheiro-Neto. Universidade Estadual de Goiás – UEG. joseeliaspinheiro@gmail.com

Ma. Viviane Faria-Lopes. Universidade Estadual de Goiás - UEG

professoravivianefaria@yahoo.com.br

Recebido: 20/2/2018 Aceptado: 30/03/2018

RESUMO

Esta pesquisa está embasada em conceitos relacionados aos aspectos sociais de elementos que se referem ao comportamento da linguagem, com enfoque na correspondência entre o ficcional e o real. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e o objetivo é fazer uma análise do contexto comunicativo abordado no livro *Ensaio sobre a cegueira*, escrito por José Saramago, estabelecendo uma avaliação científica da similitude entre a vertente representativa do comportamento em comunidade, retratado na ficção, com sua simbologia, verificando as analogias presentes e suas projeções para a realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito; Identidade; Saramago; Cegueira.

ABSTRACT: This research is based on concepts related to the social aspects of elements that refer to the behavior of language, focusing on the correspondence between the fictional and the real. This is a bibliographical research and the objective is to make an analysis of the communicative context addressed in the book on blindness, written by José Saramago, establishing a scientific evaluation of the similarity between the representative strand of behavior in community, portrayed in fiction, with its symbology, verifying the present analogies and their projections for reality.

KEYWORDS: Subject; Identity; Saramago; Blindness.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa foi embasada em conceitos relacionados aos aspectos sociais de elementos referidos ao comportamento da linguagem, possuindo, para tanto, um enfoque na

correspondência entre o ficcional e o real. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, em que se parte dos estudos dos referenciados autores identificados, para se compreender, pela linguagem, os tipos característicos de uma sociedade ficcional, analisando-os diante das condições que ocorrem na atual estrutura coletiva. O objetivo é fazer uma análise do contexto comunicativo abordado no livro *Ensaio sobre a cegueira*, escrito por José Saramago, estabelecendo uma avaliação científica da similitude entre a vertente representativa do comportamento em comunidade, retratado na ficção, com sua simbologia, verificando as analogias presentes e suas projeções para a realidade. Percebendo, identificando e apontando tais indícios linguísticos, torna-se possível avaliar suas interferências na forma de interpretar e melhor compreender os sentidos literários das relações comunicativas dos personagens na obra e, por fim, suas representações na sociedade.

A abordagem estabelecida trata de uma interpretação literária e linguística como meio de investigação, a qual revela as semelhanças sociais dos sujeitos em um contexto de verossimilhança. A tentativa de identificação de elementos de tais ícones sociais, representados pelos personagens, em analogia aos acontecimentos da sociedade contemporânea, pode, também, ser descortinada na arte literária. A ciência da linguagem consegue encontrar na Literatura aspectos que colaboram na comprovação dos processos históricos do mundo e dos múltiplos sentidos que as metáforas comunicativas apregoam, representam e faz uma exploração das possibilidades de estudo entre os personagens, a fim de entendê-los como uma alegoria de indivíduos que compõem a sociedade. Analisando-se seções imaginadas pode-se, mediante um olhar criteriosamente científico, avaliar sujeitos factuais, partindo-se do pressuposto ficcional e indo ao encontro da hipótese tangível, com a intenção de relacionar ciência e arte.

DESENVOLVIMENTO

Um romance às cegas

O livro em questão retrata a história de uma cegueira branca que acomete grande parte da população, causando um enorme colapso e obrigando a viver de maneira nada convencional. Encaminhados de forma obrigatória para um manicômio, os personagens são abandonados e se veem forçados, pelas circunstâncias, a conviver com desconhecidos e a se adaptarem a uma nova vida. Explorando as facetas humanas em seus mais variados aspectos, José Saramago representa a tentativa de sobrevivência por meio de atitudes antes ilegais, resultado da desorientação, e desnuda os problemas sociais de mudança de contexto, os quais são provocados pela tentativa constante pela manutenção da vida e se sustentam, ainda, na

esperança de se tornar a enxergar. O leitor vê-se no lugar de certos personagens, entendendo-se se identificando com a luta e a aflição constantes, provocadas pela cegueira branca. Além disso, o texto aborda o egoísmo do ser humano e o que ele chega a ser capaz de realizar para conseguir o que quer, dominando e subjugando seus semelhantes, apesar de se encontrar em uma situação infesta equivalente, cometendo atrocidades que desvendamentos da mais sórdida parcela da essência humana.

Há, na linguagem, o envolvimento do sujeito pela mostra dos valores sociais, dentre os quais é possível citar: ajuda mútua, trabalho em grupo e preocupação com o próximo. Em meio ao caos, são retratados o sofrimento e a responsabilidade daqueles detentores do 'poder' sobre os outros, os quais carregam um fardo ora maior do que aqueles que estavam envoltos pela privação da visão, ora mais leve. Os resultados dessa dominação, que vai de ditatorial a protetora, demonstram a importância do estudo e visa verificar como se efetiva uma comunicação que busca pela melhor convivência social possível, diante da drástica mutação na organização social, apesar de tal avaliação ter uma obra ficcional por objeto de análise. Afinal, as figuras de linguagem utilizadas por José Saramago se assemelham estreitamente com as características da sociedade moderna, que, em muitas vezes, tem por hábitos o comodismo e a adaptação do sujeito ao seu meio social sem buscar, primeiramente, outras formas que primem pela qualidade. A interferência sociocultural, um referencial de tanta força condutora, faz-se constantemente perceptível nas relações dos indivíduos com os outros e consigo mesmos e, na obra, por ser a sociedade constituída predominantemente por cegos, institui-se o estabelecimento de uma mudança de valores, apesar de alguns permanecerem enraizados em outros costumes.

Quando nas obras os cegos precisam se despir, para trocarem suas roupas, ficam acanhados e envergonhados uns para com os outros. Apesar de o personagem conhecido pela identificação de "a mulher do médico" ser capaz de vê-los - por não haver sido acometido pela tal cegueira -, os demais personagens não sabem ainda que ela tem tal vantagem e, ainda assim, procuram formas de se resguardarem fisicamente para não descobrirem a nudez diante dos olhos dos que não a podem ver. Por isso, essa ideia de vergonha, associada ao possível julgamento do outro, ainda que esse não o seja capaz de avaliar, mostra resquícios antigos em virtude da situação pela qual estão vivendo, apontando as influências vívidas dos elementos característicos do passado, ainda que a nova realidade tenha se instaurado. Anthony Giddens (1990, p. 37-38) afirma que,

nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são

valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes.

Giddens (1990) aponta o quanto os símbolos pretéritos tendem a direcionar o comportamento e o modo como o sujeito social age e reage coletivamente. Antes de perderem a visão, os personagens do romance de Saramago podiam julgar uns aos outros por suas atitudes e disposições físicas, porém, a partir do momento em que perderam tal capacidade, sentem-se, apesar da ausência da capacidade visual, que podem ser vítimas do julgamento imaginativo dos outros. Entendem a inutilidade de tal poder, todavia, ainda que estejam vitimados pelas modificações causadas pela cegueira branca, sentem-se apegados aos hábitos costumeiros, por serem, como afirma Giddens (1990, p. 38), "estruturados por práticas sociais recorrentes".

Quando a situação da cegueira começa a tornar-se cotidiana, verifica-se a chegada de um novo comportamento. A narrativa relata o momento em que os cegos fazem suas necessidades fisiológicas juntos uns dos outros e, nessa situação, o autor registra que "[o]s descuidados ou urgidos pensavam, Não têm importância, ninguém me vê" (SARAMAGO, 1995, p. 134). Tal mudança de pensamento aponta a análise que Giddens (1990) faz a respeito das remodelações, explicando que as transformações do espaço, ou seja, o desalojamento do sistema social, são remoções das relações sociais de seus contextos locais de interação e a reestruturação do comportamento, resultando em uma descontinuidade de valores. A justificativa do julgamento feito pelo personagem está diretamente ligada ao rompimento com os tipos tradicionais de ordem social, que antes o ligavam à realidade original e representa a construção de uma nova linguagem de pensamento. Ao se verificar que a linguagem literária, dentro de um processo de verossimilhança, revela os personagens em sua nova perspectiva ficcional, torna-se possível avaliar os sujeitos reais em suas relações comunicativas concretas.

os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado surge nas relações de similaridade e diferença que a palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. [...] Eu sei quem 'eu' sou em relação com 'o outro' (por exemplo, minha mãe) que eu não posso ser. (HALL, 2006, p. 40-41)

Hall (2006) esclarece que as afirmações pessoais são pautadas em proposições e premissas que formam o consciente e o inconsciente, o que reafirma a conduta direcionada pelos valores que precedem o próprio nascimento do indivíduo e estão além de seu controle, chegando a

subverter sua tentativa em superá-los. Considerando que tais condutas podem sofrer interferências de acontecimentos ainda maiores em força e necessidade de adaptação, entende-se que há circunstâncias transgressoras, as quais levarão a modificações no comportamento habitual e serão capazes de promover novas formas de avaliar e direcionar as condutas, criando novos valores.

José Saramago coloca em seus personagens uma 'cegueira branca', e não uma escuridão. A escolha de uma cor que representa iluminação, ao invés de uma que faça alusão às trevas, metaforiza a identidade de um recomeço, e não de um fim. Segundo Vieira e Silvestre (2015, p. 45), o processo e a produção de significação "pode representar a verdade do mundo real; como as imagens constroem a realidade; como elas recortam o mundo e como, intencionalmente, podem omitir detalhes". Trazendo um sentido de claridade que cega, o romancista retrata a aceitação de criação, desconstruindo o conceito de que a cegueira retira a vida, ou, ainda, a de que ela seja a causadora da perda da continuidade efetiva de uma existência completa. A nova realidade para o personagem, colorida de branco, efetiva a evocação de um esclarecimento em novo formato e perspectiva, que, apesar de retirar um dos sentidos, acaba por impelir ou despertar outros.

O olhar esconde o abominável

Na cultura japonesa existe, entre outras diversas representações folclóricas, uma qualidade de criaturas fantásticas conhecida como *Yōkai*, os quais trazem alguma espécie de poder sobrenatural, o que os torna altamente temidos pelos seres humanos. Dentre esses, há um ser monstruoso, cuja característica física mais excêntrica está em apresentar um olho em cada uma de suas palmas, ao invés de os ter no rosto, o qual, inclusive, é completamente liso em que deveria haver a vista. Além dessa peculiaridade, que já o classificaria como ser estúrdio e tético, acrescenta-se a atroz faculdade de devorar seres humanos. Assim, Te-no-me, como foi nomeado, apesar de possuir uma visão débil, é compensado por um aguçado olfato e uma rapidez incomum, podendo, assim, localizar e capturar suas vítimas, ainda que o ambiente esteja completamente tomado pela escuridão, que, afinal, acaba por lhe ser uma vantagem diante dos humanos que tanto dependem dos olhos para se guiar.

Apesar da obra de José Saramago não apresentar, literalmente, personagens fantásticos ou abomináveis, estampa seres humanos que figuram comportamentos inapropriados a sua esperada conduta social, os quais poderiam ser vistos como desumanos ou, ao menos, pouco esperados ao adequado contubérnio comunitário. De certo modo, os vultos do romance aproximam-se de Te-no-me, quando precisam, por conta da cegueira a que são acometidos,

aguçar os outros sentidos para se adaptarem à invulgar realidade e, de uma maneira metafórica, enxergarem com as mãos. Verifica-se que a mudança de contexto suscita a necessidade do aprendizado de novas formas de interação, ou seja, da produção e emissão de novos textos comunicativos, com a finalidade de recriar o modelo de ambiente.

José Saramago desvela a incapacidade e a impotência humana diante de alterações bruscas dos sistemas de significação e das representações culturais, em que se é constrangido a uma adaptação desconcertante, pois se reconfigurar e recontextualizar-se é, afinal, uma forma de sobrevivência. Tornar-se cego fisicamente pode ser a metáfora para a escuridão na qual a sensatez já se encontra e da qual não se permitiu sair, justamente pela comodidade de não querer enxergar, pois, trazer algo para a luz está relacionado a revelar tanto dos outros quanto de si mesmo.

O monstruoso *Yōkai*, que não tem olhos no rosto, devora humano, utilizando, para a captura, seus outros sentidos. Suas atrocidades são justificadas pela formação física e pelo lugar que habita, seria inverossímil concluir que um ser como esse pudesse apresentar um comportamento distinto do que o caracteriza. José Saramago aponta justificativas que atenuam e/ou absolvem as sevícias lideradas pelo personagem nomeado de 'a mulher do médico'. Te-nome alimenta-se de humanos para sobreviver, pois é essa a sua condição, os personagens centrais do romance cometem diversas transgressões para subsistir, pois não o conseguiriam se não se adaptassem e passassem a agir em conformidade à situação. Matando para se preservarem, propala que a crueldade faz parte de um contexto, o que revela que as faces sombrias de um ser humano podem ser abomináveis em uma realidade contextual ou necessárias e heroicas em outra. Na luta pela sobrevivência, seres antes sociais entregam-se à monstruosidade pelo desespero, descartando os traços de humanidade e desenvolvendo o instinto feroz.

Uma das ocorrências a ser demonstrada é a do enlace meramente carnal entre o médico e a rapariga dos óculos escuros, afinal, quando a realidade era outra e as formas de comunicação traziam os olhos em seu uso natural, tais personagens comportavam-se em um contexto social sóbrio e pautado em referências pudicas de valores seculares. Porém, quando a visão lhes foi tirada, foram domados por seus apetites primitivos de desejos e copulação mais animalesca, isentos da sensatez imposta, anteriormente, pelo que enxergavam e pelo que faziam os outros verem. Como profissional dos olhos, o médico traz em si uma carga representativa ainda maior que a dos demais, já que enxergar e se comunicar pela visão não era somente um de seus recursos naturais enquanto ser social e, ainda, seu compromisso com a manutenção dessa

relação de correspondência entre os outros. O exemplo: "Sei, sei, levei a minha vida a olhar para dentro dos olhos das pessoas, é o único lugar do corpo onde talvez exista uma alma, e se eles se perderam".

Ao deixarem de enxergar, os personagens de *Ensaio sobre a cegueira* foram assumindo os comandos de captura equivalentes aos de Te-no-me: aguçaram o olfato, tornaram-se mais rápidos com a prática e aprenderam a ter "olhos" nas mãos, ou seja, aprimoraram o tato com eficiência. E, por mais que tal comparação traga e sugestão de que a perda da vista possa ter começado a provocar traços monstruosos nesses sujeitos, a questão, na verdade, é inversa: seria, realmente, correto atribuir julgamento de abominação a um ser que é fruto de sua própria condição? O tal *Yōkai* com olhos nas mãos, deveras, seria uma criatura condenável? Essas indagações se fazem necessárias porque, de algum modo, os personagens acabam sendo justificados em seus atos atroz e não adequadamente sociais, justamente pela condição na qual se encontram, levando-se em consideração o fato de que tentavam sobreviver. Te-no-me devora pessoas para subsistência, o que, por esse motivo, deveria inocentá-lo, como foram inocentados os personagens, apesar de matarem, roubarem, adulterarem, mentirem e enganarem. Como afirmou o próprio médico, em um de seus diálogos com a esposa: "Farás o que melhor te parecer, mas não te esqueças daquilo que nós somos aqui, cegos, simplesmente cegos, cegos sem retóricas nem comiserações, o mundo caridoso e pitoresco dos ceguinhos acabou, agora é o reino duro, cruel e implacável dos cegos".

Quando conseguiram sair do confinamento no hospício, devido ao fogo ateadado por um dos grupos dominantes, a mulher do médico constatou que a cidade houvera toda sido infectada, por conta do cenário catastrófico em que se encontrava: cadáveres, detritos e lixos. Os cegos, à solta e sem rumo, estavam agindo animaismente, seguindo seus instintos selvagens de sobrevivência e tendo um comportamento egoísta e primitivo. Tal comportamento atroz, apresentado sem metáforas na obra, revela que as condutas sociais vividas em comunidade são construídas por meio das representações de realidade ensinadas e seguidas milenariamente, ou seja, são as doutrinas ideológicas de convivência que adquirimos e reproduzimos a fim de mascarar nossa verdadeira e horrenda condição enquanto espécie: bicho destruidor.

A esposa do médico desabafa: "Se tu pudesses ver o que eu sou obrigada a ver, quererias estar cego", palavras essas que vão ao encontro às de Dyer (1995), que enfatiza que a compreensão da realidade acontece unicamente por meio de diversas representações obtidas dela mesma, com a captura do que se acredita ser sua representação, ou seja, do ponto de vista. O personagem citado interpreta pelo que vê, acreditando que melhor estão os que não

mais o podem. Sua percepção visual não seria mais verdadeira ou precisa que a daqueles que cheiram, ouvem ou tocam com sentidos mais apurados, já que a realidade não é representada de forma completa, sendo, então, a interpretação sensorial dos que a definem. Dyer (1995) afirma que jamais alguém é capaz de fazer a representação do que ainda não tenha sido representado, sendo, então, que a realidade venha a ser a conclusão formulada a partir das crenças e dos preconceitos construídos pelas interpretações que outros transmitiram. Assim, a realidade é uma composição falseada ideologicamente, nunca sendo a percepção concreta e autêntica do que ali está posto.

A linguagem das ações

A linguagem é veículo condutor e primordial para a construção das relações da sociedade. Os processos pelos quais são formados os elementos caracterizadores do sujeito se concretizam por intermédio dela. Assim entendida, podemos crer que os signos, a simbologia e o princípio dialógico como bases construtivas do conhecimento do homem dependem muito da forma de como ele inter-relaciona. De acordo com Rios (2005, p. 203), “é pela linguagem que nos expressamos em nossas interações sociais, construímos nossas significações, nossos discursos - nossas representações, ou seja, a linguagem é condição essencial de constituição do sujeito. O sujeito se dá na e pela linguagem”. A interação entre as pessoas resulta nas formas como a linguagem se internaliza e, concatenadamente, constrói-se.

As relações simbolizam a maior parte do conhecimento empírico desenvolvido pelo homem, com o contexto desvelando as características - tanto linguísticas quanto sociais - que ele projeta em seu grupo social. “É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados.” (BAKHTIN, 1990, p. 41). Nesse sentido, é a palavra um meio pelo qual se registram as intimidades do sujeito, moldando seus atos e produzindo as alterações que o levam ao amadurecimento linguístico e social. Rios (2005) pondera que o sujeito é formado por um construto de tudo o que o envolve, não sendo elemento original feito por si só e apenas existindo pela formação ideológica que o cerca. A autora ainda escreve que o “sujeito do discurso não é mais do que uma posição social, predefinida pela estrutura da sociedade, que se define nas formações discursivas, estabelecidos os limites entre o dizível e o indizível, segundo as ideologias que surgem do lugar social de que elas falam” (RIOS, 2005, p. 204). Trata-se, portanto, de uma retomada subjetiva do sujeito em análise diante do que recebe do outro.

Os diversos confrontos que revelam o caráter de cada indivíduo na trama de José Saramago são desvelados pela linguagem, sendo por intermédio dela que as adversidades estão postas. Nessa perspectiva, Rios (2005, p. 207) observa que essa avaliação é um caminho para a concretização do discurso, para o confronto entre as tribos sociais, ou da luta pelo domínio, "percebe-se as marcas de pertencimento aos diferentes grupos, a explicitação de preconceitos, a defesa de ideais de correntes ideológicas distintas, demarcando os sujeitos como pertencentes ao grupo dos defensores de tal ideologia, ou de seus opositores". O discurso se constrói e da mesma forma cresce com o sujeito, os dois amadurecem com as relações sociais e se interagem reciprocamente. Para Marcuschi (2007, p. 33),

Isso nos conduz a outra ressalva, ou seja, quando se fala de 'representação linguística', isso não equivale a uma representação lexical, mas deve envolver todas as formas semiológicas, sejam elas, alfabéticas, ideográficas, gestuais, pictóricas, fílmicas etc. Parece duvidoso que haja uma representação que não seja ideográfica.

O interesse em estudar aspectos sociais na obra literária de José Saramago se dá a partir de um viés movido pela preocupação ao tema: "Linguagem e Sujeito", explorando-se dimensões em que se pode pensá-las no âmbito das relações humanas e partindo-se de uma perspectiva pessoaisocial, que traga uma composta representação da linguagem. O recurso linguístico utilizado pelo autor é figurativo na linguagem, a partir do qual potencializa seu texto e, na dramaticidade, aponta sutilezas comparativas que permitem aprofundar a compreensão do comportamento dos sujeitos. A metáfora central desenvolvida é a cegueira que ocorre de maneira inesperada e inexplicável e a partir da qual introduz os acontecimentos, os quais sucedem-se de acordo com o agravamento da epidemia. O evento é uma privação da visão nas vítimas, sem condições fisiológicas e fazendo-se valer somente em uma imersão na brancura, diferenciando-se da cegueira convencional. Para acentuar a representação linguística, os personagens não são nomeados, mas sim, descritos por características próprias, as quais são marcadas por símbolos que os caracterizam em algum ponto - social, físico ou situacional.

A primeira vítima é acometida de uma cegueira enquanto conduz seu automóvel, seu desespero e súplica por ajuda causa um leve transtorno no trânsito até que é socorrida por um pedestre que se oferece para conduzi-la para sua casa em segurança. Repentinamente, a realidade transmuta-se indiferenciadamente em tudo à sua volta e pode-se perceber que, por trás de boas intenções que começam a ser registradas, há outras e reais razões para as ajudas que são oferecidas ao recém-cego. Saramago (1995, p.25) nos revela a conduta, escrevendo

que,

[a]o oferecer-se para ajudar o cego, o homem que depois lhe roubou o carro não tinha na mira, nesse momento preciso, qualquer intenção malévola, muito pelo contrário, o que ele fez não foi mais que obedecer àqueles sentimentos de generosidade e altruísmo que são, como toda a gente sabe, duas das melhores características do gênero humano, podendo ser encontradas até em criminosos bem mais empedernidos do que este, simples ladrãozeco de automóveis sem esperança de avanço na carreira [...]. Foi só quando já estava perto da casa do cego que a ideia se lhe apresentou com toda a naturalidade, exactamente, assim se pode dizer, como se tivesse decidido comprar um bilhete da loteria só por ter visto o cauteleiro, não teve nenhum palpite, comprou a ver que dali saía.

Este é o primeiro gesto de aproveitamento da fragilização do ser humano, mostrado por José Saramago. A característica competitiva da natureza do sujeito acaba por atrasar o próprio desenvolvimento da humanidade, afinal, a opinião do outro adquire um caráter destruidor quando deveria ser construtivo. A metáfora construída mostra a cegueira em uma condição natural do ser humano moderno, como se estivessem 'cegos' para aquilo que dá sentido à existência humana e a todos os valores morais, éticos e sociais em defesa dos mais fracos. O leitor pode perceber que a cada vítima feita vai se tornando mais cruel o nível de corrupção que consome o sujeito enquanto ser social. A segunda vítima é o ladrão do carro da primeira, depois o médico que atende o motorista em seu consultório e assim, consecutivamente, todos que tiveram contato com as vítimas anteriores vão se 'contaminando'. Logo em seguida, as autoridades são informadas dessa 'doença' que acomete a cidade e sérias medidas começam a ser tomadas.

O médico e as demais vítimas da cegueira tendem a reunir os pertences pessoais e são encaminhados para um antigo manicômio, perdendo qualquer condição de tomar decisões em suas vidas - estão ausentes em suas individualidades e à mercê da decisão das autoridades. A esposa do médico se oferece para estar junto, fingindo estar acometida pelo mesmo mal, com a finalidade de cuidar e de estar unida ao marido e, por isso, coloca-se na mesma posição de fragilidade e dependência dos que necessitam de cuidados. Será, no decorrer da narrativa, o único personagem que não adquirirá a doença, tornando-se um contraponto em relação aos demais, deixando o mal na condição de 'livre' escolha para os encarcerados, o que registra uma demonstração de que as atitudes refletem os resultados nas relações. Cândido (2006, p.

140) afirma que "toda obra é pessoal, a literatura é coletiva", esclarecendo que uma produção literária, ao ser criada, origina-se de necessidades comuns, demonstrando, enfim, que sua estruturação se faz por meio da composição de informações adquiridas da realidade, todavia, trabalhadas literariamente. Tinoco (2010, p. 73) concorda com tal apontamento ao dizer que a produção ficcional representa "um processo de revelação de ideias que tende a ser mais criativo quanto mais ousado e inovador for o texto", o que é evidente do formato e conteúdo da obra de José Saramago.

O local que estão alojados é uma metáfora ao mundo real onde cada pessoa vive, em meios as mazelas e procurando aliviar sua situação, mesmo que isso deixe ainda pior a existência do outro. Segundo Hall (2006), os indivíduos passam por processos que abalam suas identidades, os quais modificam e deslocam suas estruturas e processos centrais, abalando quadros de referência que lhes davam uma ancoragem estável no mundo social. Assim, a partir do momento em que são privados de liberdade, as verdadeiras facetas humanas tomam formas, ocorrendo o que pode ser definido como cegueira moral e revelando, com frequência, a insensibilidade cotidianamente do sofrimento do outro, da incapacidade de compreendê-lo, e o desejo de controlar a privacidade alheia. Faz-se válido ressaltar uma quebra de preconceito que José Saramago faz acerca do personagem "da rapariga de óculos", por meio do qual desconstrói todos os paradigmas de sua profissão e associa-a a um sujeito como outro qualquer, no momento em que ela decide cuidar de um garoto estrábico que foi separado de sua genitora. O comportamento da mulher que, em sua vida antes da cegueira, era o de uma mulher que trabalhava com a venda sexual dos atributos de seu corpo e, por isso, considerado impróprio de acordo com o estabelecido pelos valores da decência, acaba por ser o único verdadeiramente humano e apiedado da condição mais fragilizada do menino.

Enquanto os demais personagens, classificados em sua maioria como detentores do respeito social promovido pela legalidade dos valores dos quais faziam parte, agiram de modo a pouco ou nada se importar com a condição mais vulnerável da criança, a mulher libidinosa absteve-se de seu egoísmo, reação tipicamente própria dos que buscam a sobrevivência, em prol de cuidar e defender o menino. Segundo Mills (1982), tal comportamento está interligado à apropriação de uma consciência sociológica, a qual conduz o comportamento individual e interfere no coletivo. Os personagens ficam fragilizados com a ausência das máscaras sociais para encobrirem o verdadeiro "eu" que é perceptível aos olhos, sentindo-se obrigados a procurar guarida e solidariedade mútuas. O personagem da mulher do médico, que insiste em resguardar a visão, leva a reflexo do fato de ser a única a enxergar e, por isso, aquela que seria

a mais propensa a enlouquecer diante da nova realidade. Essa situação confere à visão uma forma de inserção nas trevas, tendo em consideração que, no romance, enxergar equivale a estar na escuridão trazida pelos acontecimentos, afinal, ao não ser acometida pela doença, a mulher em questão, ao invés de ser saudável é, na verdade, a única a presenciar completamente a patologia moral que veio com o distúrbio visual. Essa perspectiva cria a metáfora de ser a visão uma forma de encontro com a destruição, uma maneira de perceber que o meio pode sustentar para que o indivíduo seja completamente influenciado pelo ambiente. Afinal, Para Giddens (1990, p. 18), “os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza”.

A narrativa nos leva a refletir sobre a moral, os costumes, a ética e o preconceito, faz com que a mulher do médico se depare com situações complexas para as pessoas em condições normais. O médico, por sua vez, quando percebe a desordem na qual vivem, afirma que “[s] e não formos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos tudo para não viver inteiramente como animais” (SARAMAGO, 1995, p. 56). Em meio a todo o caos gerado pela quantidade excessiva de cegos em um único ambiente, mostra-se que determinadas pessoas que possuem uma arma já estabelecem uma relação de poder. José Saramago desenha um vilão dotado de cinismo e de interesses egocêntricos que se aproveita dos demais, dominando os semelhantes e, mesmo estando nas mesmas condições, fornece ajuda em troca pequenas generosidades. São recolhidos os mantimentos enviados pelo governo e estipulam-se que a comida seria paga e distribuída a cada quarto de acordo com a quantidade de bens materiais oferecidos ao vilão. A ironia desse momento pode ser percebida quando os cegos opressores não fazem uso de todos esses bens materiais e não são capazes de consumir todos os suprimentos destinados a eles, demonstrando, por isso, ausência de sentido a seus atos.

A violência gratuita demonstra que os opressores a praticam e adquirem um prazer que basta por si só naquele ambiente. Em meio as novas regras estabelecidas, os demais cegos se submetem e recolhem tudo de maior valor que possuem para enviar aos detentores dos suprimentos. Podemos notar características importantes à própria natureza humana, satisfação das necessidades idealizadas por cada um e falta de interesse na coletividade que acaba por ocasionar algumas situações como a convivência com estranhos no ambiente do manicômio. Não satisfeitos com as exigências até então feitas para os demais cegos, os opressores querem mais. Como podemos ver nas palavras de Saramago (1995, p. 165)

Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim, simplesmente. Tragam-nos mulheres. Esta inesperada, ainda que não de todo insólita, exigência causou a indignação que é fácil de imaginar, os aturdidos emissários que vieram com a ordem voltaram logo lá para comunicar que as camaratas, as três da direita e as duas da esquerda, sem exceção dos cegos e cegas que dormiam no chão, haviam decidido, por unanimidade, não acatar a degradante imposição, objectando que não se podia rebaixar a esse ponto a dignidade humana, neste caso, feminina [...]. A resposta foi curta e seca, Se não nos trouxerem mulheres, não comem.

A partir deste momento, os cegos oprimidos começam a ponderar as diferenças entre os grupos para tencionar relações que resultam em violência. Podemos notar que além da arma de fogo, o grupo dos opressores conta com o reforço de um cego de nascença, dotado de experiência no campo da privação visual. Ele é esperto e facilitador do controle de estoque, vigilante e importante para as ações do grupo em geral. A violência se torna mais intensa, trata-se agora de exploração à dignidade das mulheres da camarata dos oprimidos, tornando-se perceptível que as necessidades físicas dos opressores passaram de seus escrúpulos morais, conduzindo as mulheres como animais em direção aos seusanseios. Esse aspecto pode ser avaliado na perspectiva científica de Tinoco, quando aponta que:

Tudo conflui para a criação de novos paradigmas de relacionamento humano e a manutenção de tabus que se eternizam na vontade de ostentar uma imagem e de percebê-la sendo admirada com subserviência. Alie-se a esse fator de base psicológico-cultural um outro, de base sócio-histórica, concentrado no advento da industrialização como elemento poderoso demarcador das novas posições e espaços sociais dos mais variados grupos dominantes e dominados (pretendendo também ser dominantes). (TINOCO, 2010. p. 133)

Durante as discussões de como agiriam, a mulher do médico percebeu que nada poderiam fazer e foi a primeira a se candidatar como representante, poderia analisar os pontos frágeis dentro do domínio dos opressores. Quando outro número de mulheres é enviado para o entretenimento dos malvados, a mulher do médico toma uma decisão que muda a sorte de todo o seu grupo. Tomou uma tesoura que havia trazido consigo desde a sua chegada, adentrou na camarata dos opressores e aproveitando da privação visual, achegou-se até o líder e cravou-lhe a tesoura na garganta. A cena se desenrola, conforme escreve Saramago (1995, p. 187/188).

Parada à entrada da camarata, a mulher do médico gritou com fúria, Lembrem-se do que eu no outro dia disse, que não me esqueceria da cara dele, e daqui em diante pensem no que vos digo agora, que também não me esquecerei das vossas, Há de pagar-mas, ameaçou o cego da contabilidade [...] Não sabes quem eu sou nem donde vim, [...]. A voz não me engana, basta que pronuncies uma palavra e estás morta, O outro também tinha dito isso e aí o tens, Mas eu não sou cego como ele, como vocês, quando vocês cegaram já eu conhecia tudo do mundo, Da minha cegueira não sabes nada, Tu não és cega, a mim não me enganas, Talvez eu seja a mais cega de todos, já matei e tornarei a matar se for preciso, Antes disso morrerás de fome, [...] Por cada dia que estivermos sem comer por vossa culpa, morrerá um dos que aqui se encontram, basta que ponha um pé para fora dessa porta.

Ao se valer da violência, estabelecendo uma estranha simetria entre a prática do opressor e do oprimido, da inversão desses papéis por intermédio da força, a obra parece decretar uma natureza humana violenta, e o que difere os bons dos maus é o propósito que justifica a violência. A mulher mostra que possui uma condição humana compromissada com os demais e consigo mesma, é o que faz desse personagem a única pessoa capaz de 'ver' dentro desse recinto. O governo faz um corte nos suprimentos e os oprimidos vão em busca de comida na camarata antes opressora, um incêndio acontece e destrói o manicômio. Ao conseguir escapar, já com pouca força pela escassez de alimento, os cegos da camarata dos oprimidos percebem que toda a cidade estava acometida pela cegueira e que padecia da desordem e do caos. Juntos permanecem vasculhando a cidade atrás de abrigo, alimento e roupas. A mulher do médico assume um papel materno em meio a essa situação, ela se vê obrigada a cuidar de todos, eles dependem dela para sobreviver. Conforme conseguem avançar nos resquícios da cidade o grupo inicia a jornada para encontrar a casa de todos os indivíduos, a procura de familiares e utensílios que os aliviasse da precariedade que se encontravam.

Por fim, chegam à residência do médico e de sua esposa, nesse momento o marido tira a chave do bolso e oferece à mulher para que ela possa abrir a porta da frente. A esposa toma uma atitude que passa despercebida dos demais e que marca somente a ela e ao marido. Ela conduz a mão do companheiro para que ele mesmo abra a porta, revelando que em nenhum momento se faça superior por enxergar, privando-o de pequenas atitudes. O leitor revive uma experiência imaginativa e única, a 'cegueira' de José Saramago é o reconhecimento inequívoco

de que, afinal, dependemos profundamente uns dos outros e que enxergar de fato o próximo é, acima de tudo, um exercício de tolerância e necessidade de convívio com outros sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chouliaraki e Fairclough (1999) afirmam que a linguagem é o reflexo fiel das práticas que o sujeito tem diante das mudanças sociais, sendo, por isso, um agente duplo das transformações, já que tanto é modificado pelas circunstâncias como é um agente modificador da conjuntura. O ser social representa e é representado por múltiplos processos comunicativos, por meio das relações estabelecidas com outros sujeitos e com o contexto. Por enxergar o que os outros não podem, a esposa de médico entende-se uma vítima maior da tragédia, afinal, possui informações que a obrigam a entender mais profundamente a gravidade bárbara da reconstrução social. José Saramago aponta as reações humanas diante de um novo contexto, no qual a comunicação visual não mais pode acontecer enquanto mecanismo comunicativo. A resignificação da linguagem acontece pela necessidade da também resignificação da estrutura social de convivência, quando o próprio formato em comunidade é acometido por drásticas mudanças. Diante da incapacidade de enxergar, os personagens incluem outras formas de se fazer entender, em que os outros sentidos tomam o papel central e essencial na sobrevivência em grupo, passando a assumir a importância que antes era dada à visão.

A recepção e interação ativa de uma obra, por meio da interpretação de sua linguagem, faz-se na importância em se considerar a projeção comunicativa socialmente construída pelo autor, em momento e local históricos determinados. Para tanto, é necessário que se estabeleça uma comunicação real e bem articulada entre os componentes dessa relação sociolinguística, linguagem e contexto, a fim de que as metáforas sejam devidamente significadas em sua intenção primeira e a produção seja efetivada enquanto comunicação, com a proposição de que a informação seja elaborada propositadamente e entendida contextualmente. O sujeito sociológico reflete a contínua transformação pela qual passa o contexto humano em que valores e desejos modificam-se continuamente. Sendo a visão um dos sentidos mais importantes de conferência social e aceitação das realidades, constata-se que por meio dos olhos é que, na maioria das ocorrências, manifestam-se ou recebem-se as sensações e as emoções, como é possível se verificar em um dos diálogos: “O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos”.

Conforme Hall (2006, p. 11), “[o] sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais

‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”. O personagem conhecido como rapariga dos óculos escuros, diante da nova concepção social em que está inserida, estabelece uma relação entre o mundo pessoal e o mundo público, o que Hall (2006) chama de espaço interior e exterior. Na situação fatídica a qual está inserida, a mulher acaba por projetar em si uma representação cultural, externalizando significados e valores internos para (re) configurar, em sua problemática física, um sentimento subjetivo que a perturbava antes do prejuízo que agora sofre. Cândido (2005) avalia que a produção ficcional moderna é marcada pela complexidade dos personagens, com o enredo, contudo, passando a ser algo bastante simples. “O senso de complexidade da personagem, ligado ao da simplificação dos incidentes da narrativa e à unidade relativa da ação, marca o romance moderno” (CANDIDO, 2005, p. 61). A produção de José Saramago retira-se desse rótulo generalizado pontuado pelo crítico literário, afinal, além de trazer personagens complexos, estereótipos sociais, constrói uma realidade que, apesar de possível, é dubitável, tecendo-a com profunda complexidade interpretativa e com alta percepção alegórica em um processo de verossimilhança.

Said (1990) observa que as identidades estão localizadas no espaço e no tempo em um formato simbólico, constituindo uma geografia imaginária, que é representada na obra por paisagens características, com um senso de lugar que possui localizações temporais. As narrativas de ação conectam o leitor a eventos históricos reais ou ficcionais mais amplos, mais importantes. *Ensaio sobre a cegueira*, portanto, está entre as obras que remetem ao imaginário de responsabilidade social, metaforizando a "caverna" de Platão com sua dolorida claridade, com seus cruéis aspectos de sobrevivência, com sua massacrante legalidade adaptada para um mundo cego. Ler e avaliar uma obra que traz em sua trama um enredo marcado pela cegueira física acaba por trazer luz à cegueira moral de quem a lê, seja em que intensidade ou âmbito venha a ter. Quando os personagens se aproximam da representativa que é a figura do Te-no-me, a face de um Yōkai termina por obscurecer a representação social a que cada indivíduo é inserido, construído e se objetiva a atuar. Os sujeitos sociais, em sua formação e procedimento cotidiano, sempre, de algum modo, submetidos à tentativa de sobrevivência, devoram diariamente valores, objetos, pessoas e crenças e, assim, reconstroem-se, reavaliam-se, adaptam-se e (por que não?) sobrevivem as transições advindas dos novos formatos que nascem constantemente.

Portanto, fazem-se valer as palavras de Halliday (1994), quando teoriza a linguagem e a classifica como uma metafunção marcadora de identidade específica, afinal, a verossimilhança presente no ato comunicativo abarca significados que estão relacionados à construção de

experiências particulares, além de coletivas. A linguagem é uma teoria da realidade, pois é um detalhado e eficiente recurso para refletir sobre o mundo, ficcional ou real, justamente porque pode ser a forma de representar o mundo físico e o mental, descrevendo eventos e estados que vão além dos elementos apenas vistos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin, M. (1990). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Cândido, A. (2005). *A personagem de ficção*. 11 ed. São Paulo: Perspectiva.
- Cândido, A. (2006). *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ouro sobre azul.
- Chouliaraki, I.; Fairclough, N. (1999). *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. London: Edinburgh University Press.
- Dyer, R. (1995). *The matter of images*. London: Routledge.
- Giddens, A. (1990). *The consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press.
- Hall, S. A (2006). *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Halliday, M. A. K. (1994). *An introduction to functional grammar*. London: Arnold.
- Marcuschi, L. (2007). *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucena.
- Mills, C. W. (1982). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rios, J. A. V. P. *A constituição do sujeito de linguagem: entre o “eu” e o “outro”*. In: *Revista da Faced* (Universidade Federal da Bahia), n. 09, 2005.
- Said, E. *Narrative and geography*. *New Left Review*, n. 180, março/abril, 1990.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras,.
- Tinoco, R. C. (2010). *Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas*. São Paulo: Editora Horizonte.
- Vieira, J. A.; Silvestre, C. (2015). *Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmico-funcional, Análise de Discurso Crítica e Semiótica Social*. Brasília: Cepadic.